



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 13, v. 1 mai.-ago.2020

p. 233-246.

Margaridas e masculinidades no futebol

Luciene de Oliveira Dias¹

Lázaro Moreira Gomes Júnior²

RESUMO: Este trabalho se propõe a discutir os conflitos entre distintas masculinidades no esporte de maior projeção na sociedade brasileira, o futebol. Buscamos compreender a hierarquização imposta pela masculinidade hegemônica dentro do futebol, tendo Jorge José Emiliano dos Santos e Clésio Moreira dos Santos, ambos árbitros de futebol apelidados de Margarida, como eixo orientador e ponto de atrito. Enquanto um era gay, o outro criou um personagem gay para atuar como árbitro nesse esporte que educa corpos e naturaliza a heterossexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol. Masculinidades. Heteronormatividade.

Abstract: This paper discusses the conflicts between different masculinities in the sport of greatest projection in the Brazilian society, soccer. We analyze the hierarchy imposed by hegemonic masculinity within football with Jorge José Emiliano dos Santos and Clésio Moreira dos Santos, both soccer referees nicknamed Margarida, as the guiding axis and point of friction. While one was gay, the other created a gay character to work as a referee in this sport that educates bodies and naturalizes heterosexuality.

Keywords: Soccer. Masculinities. Heteronormativity.

Resumen: El presente trabajo tuvo como objetivo discutir los conflictos entre las diferentes masculinidades en el deporte de mayor proyección en la sociedad brasileña, el fútbol. Buscamos entender la jerarquía impuesta por la masculinidad hegemónica, dentro del fútbol, con Jorge José Emiliano dos Santos y Clésio Moreira dos Santos, ambos árbitros de fútbol cuyo apodo era Margarida, como el eje central y punto de fricción. Mientras uno era gay, el otro creó un personaje gay para actuar como árbitro en este deporte que educa a los cuerpos y naturaliza la heterossexualidad.

Palabras clave: Fútbol. Masculinidades. Heteronormatividad.

¹ Doutora em Antropologia pela UnB. Mestre em Ciências do Ambiente pela UFT. Especialista em Cultural Studies pela University of Arkansas (EUA). Professora da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), da Universidade Federal de Goiás (UFG), com atuação no Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Coordenadora do Pindoba - Grupo de Pesquisa em Narrativas da Diferença. Pesquisa em interface com os estudos de Performances Culturais, Comunicação e Antropologia. E-mail: luciene-dias@ufg.br

² Mestre em Performances Culturais, graduado em Educação Física e especialista em Educação Física Escolar, pela Universidade Federal de Goiás. Atua como professor e ator, sendo o presidente da Cia de Teatro Nu Escuro. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Educação e em Artes Cênicas com ênfase em Teatro. E-mail: lazarotuum@gmail.com



Sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo.
 Quando pivete, meu sonho era ser jogador de futebol, vai vendo!
 Mas o sistema limita nossa vida de tal forma
 Que tive que fazer minha escolha: sonhar ou sobreviver.
 (Racionais MC's)

No final dos anos 1980, surgiram, no cenário musical brasileiro, os Racionais MC's, grupo musical que se consolidaria como um dos principais representantes do *rap* nacional, apresentando, em suas composições, um potente discurso contra o racismo e o sistema capitalista. Uma das músicas do disco *Nada como um dia após outro*, lançado em 2002, tem como título “A vida é desafio”, e nossa epígrafe traz o início da letra dessa música.

Quando criança, o narrador da música, ou personagem principal da composição, alimentava o sonho de ser jogador de futebol, sonho que habita o pensamento de milhares de jovens brasileiros, principalmente dos meninos, mas que, para a maioria esmagadora, não será concretizado. Contudo muitos deles manterão uma relação com esse esporte, tornando-se torcedores e, ao frequentarem os estádios, provavelmente irão deparar com gritos e cânticos como estes:

Ei, juiz, vai tomar no cu. Ei, juiz, vai tomar no cu. Ei, juiz, vai tomar no cu.

Bicha, Bicha. Bicha. Biiiiiiiiiiiiichaaaaaaaa.

Esses e outros gritos fortalecem o imaginário social que nos ensina, desde muito cedo, que o cu é o grande lugar da injúria e do insulto, sendo que “a penetração anal como sujeito passivo está no centro da linguagem, do discurso social, como o horrível, o mau, o pior..... é algo que transforma sua identidade, que te transforma de maneira essencial”. (SAEZ; CARRASCOSA, 2016, p. 27)

Devemos ter em mente que a linguagem, além de expressar relações e poderes, também os institui, fixando marcadores sociais da diferença. Dessa forma, quando as expressões ‘bicha’ e ‘cu’ são evocadas nas arquibancadas de um estádio, aqueles para os quais tais palavras são dirigidas são alçados à categoria do outro, do inferior, do pária.

Evidentemente, ‘viados’ são, sempre, os jogadores e os torcedores do time adversário ou, muitas vezes, o bandeirinha ou o juiz que deixou de ver ou de apitar a falta ou o gol que favorece nosso time. A frequência desses gritos parece ter banalizado o insulto. Mas não resta dúvida de que a expressão é usada como insulto. (LOURO, 2015, p. 275)



Entendemos que o futebol, separadamente ou atuando com outras instituições, fortalece práticas hegemônicas e subordina ou nega outras identidades e práticas. Assim, meninos e meninas, jovens e adultos, ao frequentarem os estádios de futebol, vivenciam uma experiência educativa que naturaliza a heterossexualidade como expressão única da sexualidade humana.

O sonho de se tornar um jogador de futebol é alimentado em jogos realizados em terrenos baldios, ruas, quadras e praças das cidades. Muitos dos meninos que na infância dedicam muitas horas nesses jogos, ao chegarem em casa chorando por ter arrancado a ponta do dedo em um chute mal calculado que acabara de encontrar o chão, e não a bola, provavelmente escutaram: “*seja homem, pare de chorar igual mulherzinha*”. Isso porque paira sobre nossa sociedade a compreensão de que homem que é homem não chora.

A visão desse homem capaz de superar a dor e suprimir seus sentimentos, para não demonstrar atitudes consideradas femininas, compõe o repertório de constituição da masculinidade hegemônica, que tende a desenvolver características e atitudes tóxicas. Levamos em consideração que o futebol está sob a égide da heteronormatividade, que privilegia o conceito de masculinidade tóxica. Dessa forma, buscamos refletir neste trabalho sobre as relações entre as distintas masculinidades com esse esporte popular.

Quais as possibilidades e limites de coexistência entre a masculinidade hegemônica e as demais masculinidades no futebol? Como se constitui a participação de atletas gays no futebol? Poderia o universo futebolístico apresentar um discurso capaz de questionar a heterossexualidade compulsória e potencializar as demais identidades de gênero e sexuais? São questões que balizam as reflexões aqui propostas, sendo que apostamos em uma escrita capaz de conduzir à percepção de que masculinidades são plurais. Partimos da conjuntura de que homens gays não são benquistos nesse esporte, tendo sua presença silenciada e/ou apagada, isso quando não agredida. Porém nosso pressuposto – e esperança – é de que o futebol pode ser capaz de conviver com masculinidades para além da hegemônica.

Para desenvolvermos nossas reflexões, acionamos a existência de Jorge José Emiliano dos Santos, árbitro de futebol gay que atuou profissionalmente entre as décadas de 1980 e 1990 e ficou conhecido pelo apelido de Margarida. Mas, como nem tudo são flores, ou melhor, nem todas as margaridas são iguais, temos como ponto de atrito a presença de Clésio Moreira dos Santos, heterossexual, contemporâneo de Jorge Emiliano e que criou um personagem gay para atuar como árbitro, tendo recebido o mesmo apelido.



O controle das emoções na construção da masculinidade visa a produzir um tipo de homem apto a viver quase exclusivamente em função de *status*, sucesso, resistência, independência, dominação, virilidade e agressividade. Um homem que, desde criança, antes mesmo de seu nascimento, terá seu corpo vigiado e controlado, passando por um processo,

doloroso, marcado por incursões arbitrárias e violentas. Tem que ter pau grande, tem que ser musculoso, tem que ter dinheiro, tem que ter *status social*, tem que ser forte, tem que ser isso ou tem que ser aquilo... É um devir entre a hegemonia e a precariedade. Ser homem é ter limites, é ter um universo de possibilidades e se enquadrar apenas em uma unidade fixa, estável e essencial. (SANTOS, 2013, p. 159)

Todo esse longo processo é pautado pela constituição de um modelo único de masculinidade que deve ser seguido, porém quase nunca atingido: o da masculinidade hegemônica. Uma masculinidade branca, cis, heterossexual e que garante privilégios para aqueles que se aproximam de tal modelo em um movimento de retroalimentação que tende a naturalizar a própria masculinidade.

Para Rosostolato (2018), o conceito de masculinidade hegemônica é uma das violências sociais mais intransigentes na construção do sujeito e de suas subjetividades, pois determina o que é diferente, minoria e transgressor, punindo o que julga abjeto. Ao olharmos para o futebol, entendemos que o abjeto é representado pelas mulheres e pelas masculinidades que se afastam do modelo hegemônico, sendo atravessadas, obviamente, por questões de classe, raça, gênero e sexualidade. Nesse contexto, demonstrar sinais considerados de fraqueza, como chorar, por exemplo, pode colocar o atleta sob suspeita. Ao compreender a forma como opera o sistema, os homens passam a silenciar seus sentimentos, uma vez que o ato de chorar, dependendo da situação, poderá expor suas vulnerabilidades.

Durante a Copa do Mundo de 2014, disputada no Brasil, o jogo entre as seleções brasileira e chilena foi decidido nos pênaltis. O então capitão da seleção brasileira, Thiago Silva, antes de iniciar as cobranças, se distanciou do restante do grupo, sentou-se em cima de uma bola e foi filmado chorando. Parte da imprensa esportiva questionou a capacidade de Thiago Silva continuar como capitão da seleção brasileira masculina de futebol, por entender aquele choro como um sinal de fraqueza. Evidenciamos, assim, uma imprensa conivente com uma concepção única de masculinidade.



No futebol profissional, temos o caso emblemático do inglês Justin Fashanu, que, em uma entrevista ao jornal *The Sun*, ainda em 1990, tornou pública a informação de que é gay, sendo considerado o primeiro jogador de futebol a tratar publicamente da sua homossexualidade. Filho de pai nigeriano e mãe guianense, Justin e seu irmão, Jonh Fashanu, foram deixados em um orfanato quando crianças. Adotados por uma família do condado inglês de Shropham, eles cresceram em uma sociedade predominantemente branca e, aos poucos, foram se destacando na área esportiva, tornando-se ambos jogadores de futebol profissional.

No entanto, a carreira de Justin ficou ameaçada assim que surgiram registros de sua presença em boates gays. Assim que o técnico soube dos boatos, solicitou sua demissão do clube. Desde então, Justin Fashanu passou por diversos clubes e, em 1998, quando já atuava como técnico de futebol em um time dos Estados Unidos, foi acusado de ter estuprado um garoto menor de idade. Justin escreveu uma carta e cometeu suicídio prevendo um julgamento tendencioso por ser gay.

Percebi que já havia sido considerado culpado. Não quero mais ser uma vergonha para minha família e meus amigos. Ser gay e uma personalidade é muito difícil, mas não posso reclamar disso. Queria dizer que não agredi sexualmente o jovem. Ele teve sexo consensual comigo e, no dia seguinte, me pediu dinheiro. Quando eu recusei, ele falou ‘espere e você vai ver só’. Se esse é o caso, eu ouço vocês dizerem, por que eu fugi? Bom, a justiça nem sempre é justa. Senti que não teria um julgamento justo por conta da minha homossexualidade. (FASHANU apud VIDOTO, 2019)

No Brasil, um caso de repercussão midiática aconteceu no ano de 2007, culminando com um processo movido pelo jogador Richarlyson Barbosa Felisbino contra José Cyrillo Júnior, dirigente esportivo do time do Palmeiras na época. Um jornal da cidade de São Paulo noticiou que um jogador de futebol estava negociando uma entrevista com um programa de televisão da Rede Globo para assumir que era gay. Durante o programa *Debate Bola*, da Record TV, ao ser questionado se este jogador era do Palmeiras, o dirigente citado respondeu: “O Richarlyson quase foi do Palmeiras”³, fato que provocou a instalação de uma queixa-crime por parte do jogador. O juiz de direito da Nona Vara Cível da Comarca de São Paulo, Manuel Maximiano Junqueira Filho, que ficou responsável pelo caso, deferiu uma sentença, atravessada pela homofobia:

Quem se recorda da ‘copa do mundo de 1970’, quem viu o escrete de ouro jogando (Félix, Carlos Alberto, Brito, Everaldo e Piazza; Clodoaldo e Gérson; Jairzinho, Pelé,

³ Disponível em: <https://bit.ly/2CxYbr5>. Acesso em: 29 jan. 2020.



Tostão e Rivelino), jamais conceberia um ídolo seu homossexual... Não que um homossexual não possa jogar bola. Pois que jogue, querendo. Mas forme o seu time e inicie uma Federação. Agende jogos com quem prefira pelear contra si... Ora, bolas, se a moda pega, logo teremos o ‘sistema de cotas’, forçando o acesso de tantos por agremiação. O que não se mostra razoável é a aceitação de homossexuais no futebol brasileiro, porque prejudicariam a uniformidade do pensamento da equipe, o entrosamento, o equilíbrio, o ideal. (JUNQUEIRA FILHO, 2007 apud ALMEIDA; SOARES, 2012, p. 309)

Dessa forma, ao sugerir que, para praticar o esporte, um atleta gay “forme o seu time e inicie uma Federação”, o juiz propõe o que chamamos aqui de *apartheid* das masculinidades e legitima a homofobia enquanto prática no futebol. Essa divisão entre gays e heterossexuais no futebol brasileiro pode ser observada com a criação, em 2017, da LiGay Nacional de Futebol Society do Brasil, uma instituição que organiza duas edições anuais da Champions LiGay, uma competição de futebol constituída por times de atletas gays.

Contudo explicitamos aqui que a instituição afirmada de uma liga nacional ressignifica a participação de gays no futebol como possibilidade para o exercício da cidadania e o respeito aos Direitos Humanos. A constituição da LiGay é definida por nós como ação afirmativa no sentido de materializar-se como um enfrentamento direto à homofobia. Iniciativas como esta são capazes de provocar questionamentos acerca da masculinidade hegemônica que transforma esse esporte em um grande armário, homofóbico e misógeno.

Outros acontecimentos têm contribuído para o combate à homofobia no futebol. No dia 15 de setembro de 2019, a bandeira do arco-íris, símbolo do movimento de lésbicas e gays, foi hasteada nos mastros de escanteio do estádio da Fonte Nova em Salvador, em um jogo do time do Bahia contra o do Fortaleza⁴. Já no dia 25 de agosto do mesmo ano, o árbitro paralisou o jogo aos dezenove minutos do segundo tempo, para advertir um dos técnicos ameaçando colocar na súmula os gritos homofóbicos que ecoavam das arquibancadas. Foi a primeira vez que uma partida oficial de futebol foi interrompida no mais importante campeonato do Brasil por motivos relacionada à homofobia⁵.

Vale ressaltar que, a partir da segunda metade do século XX, encontramos registros de atitudes no futebol brasileiro capazes de provocar reflexões sobre as normas de gênero e

⁴ Disponível em: <https://bit.ly/381uB9a>. Acesso em: 25 jan. 2020.

⁵ Disponível em: <https://bit.ly/2Npsoee>. Acesso em: 25 jan. 2020.



sexualidade e/ou produzir fissuras na masculinidade reverenciada no futebol. Exemplo bom para pensar é a torcida gay do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, a Coligay, que performava e agitava as arquibancadas onde seu time jogava.

A Coligay reivindicava o direito de frequentar os estádios em segurança. Criada em plena ditadura militar⁶, a Coligay nos ajuda nas discussões porque, “além de mostrar que gays poderiam gostar e fazer parte do contexto futebolístico, havia também a consciência de que estava em jogo a conquista de mais um espaço de visibilidade pública de corpos e subjetividades consideradas dissonantes, abjetas”. (PINTO, 2018, p. 109)

A presença de homossexuais nos esportes é percebida, diante de todo o exposto, como uma dificuldade, um problema que precisa ser silenciado ou negado, o que faz que não tenhamos atletas publicizando sua sexualidade ou ‘saindo do armário’. Propomos, nesta escrita, um pensar sobre a presença de homens gays no futebol com a esperança de contribuir para o debate e, conseqüentemente, mobilizar-nos para a combate às fobias sociais reinventando as normas de gênero.

As normas de gênero estão profundamente relacionadas a como e de que maneiras nós podemos aparecer no espaço público; a como e de que maneiras o público e o privado são diferenciados, e como essa distinção é instrumentalizada a serviço da política sexual; quem será criminalizada com base na aparência pública... quem não conseguirá proteção pela lei, ou, mais especificamente, pela polícia, na rua, ou no emprego, ou em casa – em códigos legais ou instituições religiosas. (BUTLER, 2016, p. 34)

Personagem importante em nossa análise e que estava dentro do campo de jogo, Jorge José Emiliano dos Santos, era gay e tornou-se árbitro profissional ligado à Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro em 1988. Ele já era conhecido no meio esportivo dessa cidade desde os anos 1960, pois atuava como árbitro de futebol de areia, quando ganhou o apelido de Margarida.

Uma entrevista com Jorge Emiliano, publicada na *Revista Placar* em 1988 pela jornalista Marta Esteves, apresenta o seguinte título: “Margarida: ‘Ser Juiz é tudo’ O controvertido árbitro carioca assume publicamente a condição de homossexual e se transforma na sensação do campeonato”. (ESTEVES, 1988, p. 49) O fato de termos um gay considerado a ‘sensação’ de um campeonato de futebol não é habitual, não presenciamos isso na atualidade nem sequer temos no futebol brasileiro algum jogador ou árbitro que seja assumidamente gay.

⁶ Disponível em: <https://bit.ly/2YZlphf>. Acesso em: 25 jan. 2020.



Jorge Emiliano, o Margarida, como era mais conhecido, possuía um posicionamento explícito a respeito de sua orientação sexual e sua profissão. Em entrevista para uma emissora de televisão, após a realização do jogo no qual atuou como árbitro profissional pela primeira vez, ele deu a seguinte declaração: “É muito difícil você num país preconceituoso como o nosso, assumir certos posicionamentos e conseguir vencer. Eu acredito que com essa arbitragem eu deva ter dado uma resposta àqueles que diziam que tem uns lugares que a bicha não pode apitar”. (MARGARIDA, 1988)⁷

Ao dizer em sua estreia como árbitro profissional que sua arbitragem naquele jogo era uma resposta para aqueles que diziam que em certos lugares a bicha não poderia apitar, Jorge Emiliano busca sair da margem, posicionando-se ao centro, ressignificando o termo ‘bicha’ e potencializando seu discurso.

A estratégia de ressignificar um termo injurioso pode se mostrar interessante e produtiva e vem sendo utilizada pelos movimentos sociais. Foi o que fez o movimento negro, que se apropriou com orgulho e de modo afirmativo da palavra “negro”, até então empregada para discriminar ou subordinar. (LOURO, 2015, p. 275)

Entendemos que o deslocamento rumo ao centro de Jorge Emiliano não foi um ato isolado, fruto de um desbravamento quixotesco, mas sim impulsionado por uma coletividade, que ficou conhecida dentro do ambiente futebolístico como o ‘Sindicato’. Dentre as muitas expressões que surgiram no futebol brasileiro, uma delas é afirmar ou perguntar se alguém é gay, ao se referir a esta pessoa como um membro do sindicato.

Em entrevista para a *Revista Placar* publicada em 25 de março de 1988, ao ser questionado sobre o motivo que o levou a publicizar sua homossexualidade, Margarida respondeu: “Porque não sou hipócrita como muitos. Faço de minha vida o que bem quero. Pelo menos dez árbitros cariocas são gays”. (ESTEVEVES, 1988, p. 50) Mais à frente, quando questionado sobre o porquê de ter sido escalado para trabalhar em um jogo juntamente com Bianca, Robson de Oliveira (o Gazela) e Reinaldo Barros (o Pinah) – todos árbitros e auxiliares tidos como gays –, ele disse: “Acho que isso foi uma brincadeira para reunir todo o sindicato” (ESTEVEVES, 1988, p. 50).

⁷ Trecho de entrevista para uma emissora de televisão, logo após sua estreia como árbitro profissional. Disponível em: <https://bit.ly/2YZZo23>. Acesso em: 20 out. 2018.



Novamente, vemos Margarida empenhado em ressignificar e potencializar uma expressão homofóbica, que originalmente foi constituída para colocar os gays pertencentes ao universo do futebol em uma espécie de gueto, um sindicato. A ressignificação desse sindicato pode ter sido de extrema importância para fortalecer as relações e os laços de amizade entre os que dele participavam, uma vez que “os amigos homossexuais são uma fonte de afecto e apoio na sociedade heteronormativa, mas são, também, o ‘outro eu’... aqueles com quem poderemos ser autênticos e verdadeiros conosco e com o outro”. (VIEIRA, 2010, p. 10)

O deslocamento das margens ao centro, que acreditamos ter sido um caminho trilhado por Jorge Emiliano, não é um percurso plácido estando o centro dominado e defendido pela heteronormatividade. Importantíssimo ressaltar que, mesmo que as práticas sexuais não sigam o modelo heteronormativo, a forma como as pessoas organizam suas vidas recorrentemente é condicionada a se afinar com esse princípio. Daí surgem expressões como: “não me interessa o que se faz entre quatro paredes”, mas nunca deve “dar pinta”.

A heteronormatividade advoga que ter um pênis significa ser obrigatoriamente másculo, isto é, o gênero faz parte ou depende da ‘natureza’; existe uma relação mimética do gênero com a materialidade do corpo. Na perspectiva da heteronormatividade, é preciso que a erotização (não heterossexual) seja invisibilizada, isto é, dois homens podem aparecer como parceiros, mas esse vínculo não pode ser erotizado/sexualizado, ou, como dizem as pessoas: “o sexo é dentro de quatro paredes, pode fazer o que quiser na cama, mas na rua se comporte como homem”. (COLLING, 2018, p. 47)

‘Bicha’, ‘viado’, ‘filho da puta’, ‘se tivesse um filho gay, eu assassinava’ são expressões que marcam e buscam silenciar quem não se identifica como homem ou mulher cisgênero e heterossexual. O futebol, como esporte de alto poder de popularização, assimila e reproduz características impostas pela heteronormatividade e pela heterossexualidade compulsória. A predominância de uma masculinidade que só reconhece o masculino como espelho do macho-machista-machão é um forte exemplo de como essa reprodução da masculinidade no futebol é hegemônica.

Para Bandeira (2010, p. 344), os estádios exercem uma verdadeira pedagogia, sendo necessário um processo de aprendizagem para aqueles que desejam frequentar tais locais, onde se faz necessário “aprender quando gritar, quando calar, o que gritar, o que calar, o que e como sentir”. Em seu estudo, que busca sintetizar um currículo para as masculinidades nos estádios de futebol, o autor apresenta quatro conteúdos essenciais para frequentar esses espaços. O primeiro



é a garra e luta nos estádios, sendo que nesta seara não é possível cogitar em fugir ou renunciar a um confronto físico, seja dentro de campo ou fora do estádio.

O segundo conteúdo destacado é a violência como forma de socialização. O terceiro é a afetividade: um amor de macho, que, mesmo dentro de um contexto de homofobia presente nos estádios, podemos ver “grandes manifestações públicas de sentimentos ou de afetos masculinos. Os gritos de ‘te amo’ dos estádios de futebol são incomuns na maioria dos contextos de nossa cultura heteronormativa”. (BANDEIRA, 2010, p. 249)

O último conteúdo diz respeito às masculinidades subalternizadas, uma vez que o processo de afirmação da masculinidade, de um lado da arquibancada, se estabelece em oposição à masculinidade dos torcedores do outro lado. A perspectiva é a de que sempre a ‘nossa’ torcida é superior à outra, que deverá ser afeminada. Assim, compreendemos que o universo futebolístico se constitui como uma escola que educa corpos tendo a heteronormatividade como princípio, meio e fim. Nessa perspectiva, corpos como o de Margarida, dentre outros que buscaram e buscam viver não pautados pela heteronorma, foram e são marcados e silenciados, contribuindo para a sustentação do armário gay no futebol.

Contudo nem todos os homens gays presentes no futebol questionaram a masculinidade ali predominante, como o fez Jorge Emiliano. Nesse momento, entra em campo Clésio Moreira dos Santos, árbitro ligado à Federação Catarinense de Futebol, que começou a atuar como árbitro auxiliar, popularmente conhecido como bandeirinha, no ano de 1989, tornando-se árbitro principal em 1994.

Clésio Moreira saiu do armário sem nunca ter estado dentro dele. Em entrevista ao programa *De frente com Gabi*⁸, ele se declara heterossexual, casado com mulher e pai de três filhos. No entanto ganhou notoriedade dentro do futebol ao criar um personagem gay, imprimindo gestos e movimentos estereotipados de gays afeminados, vindo também a ganhar o apelido de Margarida. Ele ainda atua no futebol amador e uma das particularidades de sua atuação consiste em deslocar-se em campo utilizando a marcha reversa, conhecida popularmente como correr de costas, denominado por ele como ‘passo da gazela’. Outra marca de sua performance está no fato de utilizar um uniforme todo na cor rosa – inclusive ele declara ser o

⁸ A entrevista de Clésio Moreira dos Santos, no programa *De Frente com Gabi*, pode ser conferida no YouTube. Ela está dividida em quatro blocos, disponíveis em: <https://bit.ly/3dpjmII>; <https://bit.ly/2YYV4jz>; <https://bit.ly/2YoBSwp>; <https://bit.ly/3evzbPs>. Acesso em: 20 out. 2017.



introdutor dessa cor no futebol masculino. Não nos cabe, neste trabalho, averiguar esta informação, mas a associação de gestos afeminados em campo com a cor de seu uniforme, que inclusive faz parte de seu personagem também fora de campo, isso sim nos interessa.

Mas cor não tem gênero? Não, não tem, ou pelo ao menos não deveria ter.

Devemos lembrar que discursos bizarros como ‘menino veste azul e menina veste rosa’ se sustentam em um binarismo que busca naturalizar as relações de gênero e sexualidade a partir de uma perspectiva estritamente biológica. Conforme aponta Louro (2016, p. 212), é impossível lidar com as questões de gênero e sexualidades apoiando-nos apenas em esquemas binários, visto que “as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira”.

O fato de um heterossexual criar um personagem gay a partir de movimentos estereotipados, utilizando um uniforme com uma cor associada ao universo feminino, não contribui com o debate em torno das questões de gênero e sexualidades. Ao contrário, cristaliza uma divisão binária.

Algumas vezes, paródias de gênero ou outras práticas que desnaturalizam a heterossexualidade podem ser ‘domesticadas’ de tal forma que acabam perdendo seu potencial subversivo. Não são poucos os filmes, as novelas e os shows que seguem esse tom e se prestam mais ao que Butler chama de ‘entretenimento hétero de luxo’ do que a ensaios de subversão. Nesses casos, as fronteiras de sexo e gênero, as fronteiras entre identidades hétero e não-hétero parecem ficar inalteradas, sendo, talvez, até reforçadas. (LOURO, 2015, p. 277)

A performance de Clésio Moreira provoca a negação de corpos que não se conformam com as normas de gênero e sexualidades, corpos que se tornam abjetos, rechaçando o feminino no corpo masculino. Enquanto uma multidão ri de seu personagem nos campos de futebol, lésbicas, gays e toda a população que foge à heteronorma são silenciados, violentados e assassinados neste país e no mundo.

Nem tudo são flores em Margaridas.

O menino da música presente na epígrafe de nosso trabalho, que sonhava ser um jogador de futebol, teve de escolher entre sonhar e sobreviver, pois o sistema o limitava. A sociedade brasileira e seu esporte mais praticado e reverenciado, o futebol, também possui sistemas que



limitam corpos gays, corpos trans, corpos femininos, corpos que se distanciam do modelo de masculinidade hegemônica e da heteronormatividade.

Considerações finais

Indivíduos que se orientam fora dos padrões normativos de gênero e sexualidade geralmente são excluídos ou necessitam usar máscaras, se escondendo em armários, caso queiram ver seus sonhos de criança realizados. No entanto, se acreditamos que no fim do túnel há uma luz, mesmo que ainda difusa e de baixa intensidade, enxergamos em Jorge Emiliano, na Coligay, na bandeira do arco-íris no estádio da Fonte Nova, pequenas fontes luminosas.

Em um exercício comparativo entre as duas experiências do que podemos chamar de masculinidades-Margaridas acionadas neste trabalho, podemos verificar que Jorge José Emiliano dos Santos marca sua existência de maneira afirmada, contribuindo assim para o combate à homofobia no futebol brasileiro. Desse modo, “os corpos existem e transitam, ou não, pelo que são, mas a forma como as instituições tomam as decisões pode provocar maior ou menor potencial de enfrentamento na elaboração das políticas afirmativas”. (DIAS, 2019, p. 128) Por isso, ele marca a nossa escrita como ‘a’ fonte luminosa capaz de sinalizar novos tempos.

Já comportamentos como o de Clésio Moreira dos Santos, pelas lentes que iluminam nossa escrita, contribuem sobremaneira para fortalecer não só a homofobia como também a misoginia no futebol. Trata-se de uma personagem criada para fazer rir. E como tudo o que provoca o riso deve acender em nós um alerta, também aqui verificamos mais uma vez que o risível é o que foge da normatividade e prima pelo estereótipo. Para além do chamado futebol-arte, esperamos alcançar uma realidade de futebol-política capaz de acionar modelos de respeito às diferenças e reconhecimento da luta que marca os corpos que performatizam sexualidades que não são normativas. Entendemos que este caso deve ser pinçado como o modelo do que não devemos ser quando nos empenhamos na construção de uma sociedade que quer implementar a cidadania e jamais violar os direitos humanos.

São exemplos opostos de existências, como o citado juiz da Nona Vara Cível da Comarca de São Paulo, Manuel Maximiano Junqueira Filho, para quem “o que não se mostra razoável é a aceitação de homossexuais no futebol brasileiro” (JUNQUEIRA FILHO, 2007 apud ALMEIDA; SOARES, 2012, p. 309), uma vez que essa presença prejudicaria o que ele chamou de ‘equilíbrio e ideal’. Na contramão desse exemplo, e provando que uma sociedade que respeita a diferença é



uma sociedade saudável, reforçamos a necessidade de visibilizar exemplos positivos como a da LiGay Nacional de Futebol Society do Brasil e da Coligay, que ocupam nossos estádios com corpos forjados por uma sexualidade contra-hegemônica.

O caminho para termos distintas masculinidades convivendo respeitavelmente nos campos e arquibancadas de futebol não será conquistado de um dia para outro e, se isso acontecer, talvez seja o futebol um dos últimos locais onde veremos essa possibilidade ser instalada. Assim como milhares de meninos sonham ser jogadores de futebol, não nos custa sonhar. Sonhamos, sim, como um “exercício disciplinado de buscar no sonho as orientações para as nossas escolhas do dia a dia”. (KRENAK, 2019, p. 21-52)

Em abril de 1974, após quatro décadas, caía em Portugal uma ditadura inspirada no fascismo italiano e implementada por Antônio de Oliveira Salazar. Alguns militares descontentes, com o apoio da população, tomaram o poder com o objetivo de estabelecer liberdades democráticas e promover transformações sociais naquele país. A população saiu às ruas para agradecer oferecendo cravos vermelhos aos militares, que foram colocados na ponta dos fuzis. Esse momento ficou conhecido como a Revolução dos Cravos.

Encerrar a discussão com esta pequena digressão nos é útil para afirmar que, se um cravo se tornou símbolo de uma luta contra um regime de poder, ansiamos que um Margarida nos sirva para refletirmos sobre a possibilidade de vivenciarmos múltiplas masculinidades no esporte de maior projeção em nossa sociedade e, quem sabe, nos possibilite sonhar também com uma revolução.

Referências

- ALMEIDA, M. B.; SOARES, A. S. O futebol no banco dos réus: caso de homofobia. *Movimento*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 301-321, 2012.
- BANDEIRA, G. A. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 44, p. 342-410, 2010.
- BUTLER, J. Corpos que ainda importam. In: COLLING, L. *Dissidências sexuais e de gênero*. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 19-42.
- COLLING, L. *Gênero e sexualidade na atualidade*. Salvador: UFBA, 2018.



DIAS, L. O. “Não fugi, mas retirei-me!”: Mulher preta e políticas afirmativas. *In*: ROCHA, M. J. P. *Fios de aracnê* narrativas de resistência e epistemologia feminista. Goiânia: Editora PUC Goiás, 2019.

ESTEVES, M. Ser juiz é tudo. *Revista Placar*, São Paulo, n. 929, p. 49-51, mar. 1988.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LOURO, G. L. Discursos de ódio. *In*: SEFFNER, F.; CAETANO, M. (org.). *Cenas latino-americana para diversidade sexual e de gênero*. práticas, pedagogias e políticas públicas. Rio Grande: EDGRAF, 2015. p. 268-279

LOURO, G. L. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. *In*: CARLA, R.; BORES, L.; RAMOS, T. R. O. *Problema de gênero*. Rio de Janeiro: Funarte Edições, 2016. p. 211-228.

PINTO, M. R. A “praga” da FlaGay e o “desbunde” guei no futebol brasileiro. Disponível em: www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh. 2018. acesso em: 01jul. 2019.

ROSOSTOLATO, B. O homem cansado: uma breve leitura das masculinidades hegemônicas e a decadência patriarcal. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 57-70, 2018.

SAEZ, J.; CARRASCOSA, S. *Pelo ar*. políticas anais. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

SANTOS, J. L. *Silêncio e naturalização na construção das masculinidades na educação básica*. 2013. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

VIDOTO, C. Justin Fashanu: o primeiro jogador a assumir sua homossexualidade. *PLBR*, [s. l.], 17 maio 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2YpHM0d>. Acesso em: 29 jan. 2020.

VIEIRA, P. J. Aeminiumqueer, a Cidade Armário: cotidiano lésbicos e gays em espaço urbano. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 1, n. 1. p. 5-13. 2010.

